

ENSAIO

DUAS PELEJAS PARA UM CAMINHO SOB O SOL CORDELÍSTICO

Por Aderaldo Luciano

Um dia eu quis estudar o cordel brasileiro em sua face épica. Das pesquisas realizadas à época, concluí que toda a produção referente ao denominado ciclo dos cangaceiros, com a figura de Lampião à frente, oferecia elementos capazes de respaldar minhas opiniões sobre o gênero. E fui à procura de aprofundar o bisturi apreciativo. Essa ação requeria uma observação mais vasta no todo cordelístico brasileiro, alargando o mapa do material para estudo, tanto teórico quanto literário. E foi o que destinei-me a realizar.

Na construção do caminho, porém, acabei por encontrar outros elementos, outros sintomas que fugiam ao tema eleito e me pediam urgente tomada de decisão. Foi o encontro da peleja Manoel de ABERNAL e Manoel Cabeceira o responsável por alguns questionamentos teóricos destoantes do modelo que havia edificado. Chegara à conclusão filha da puta que o cordel possuía um caráter exclusivamente narrativo, mas, puta que pariu, vejamos o início da peleja:

Cabeceira — Sr. Manoel ABERNAL
Sou Manoel Cabeceira
O cantador mais tímido
Que teve nesta ribeira
Pode ficar descansado
Que ou morre ou sai na carreira

ABERNAL — De onde vossa mercê veio
Tem outro desta maneira?

Não tem medo de dizer
Que me bota na carreira
Estará bêbedo ou ficou doudo?
Para dizer esta asneira?

Deparando-me com esse modelo fui obrigado a repassar as características da obra épica e, fazendo o confronto, a comparação, comecei a ver outro caminho para o estudo. Não que o cordel perdesse seu elemento épico, senão que ganhara outros elementos. A peleja em questão, apesar de se desenrolar de maneira igual às outras às quais tive acesso, faltava-lhe um mestre de cerimônias para apresentá-la. Esse mestre de cerimônias, no caso a pessoa que, supostamente, viu e descreveu a peleja, é um intrujão que sempre aparece nas duas ou três sextilhas precedentes ao embate. Foi seguindo essa tradição que o poeta Varneci Nascimento escreveu sua Peleja de Aloncio com Dezinho, aliás, uma das mais belas e bem construídas sextilhas introdutórias que já pude ler em cordel:

Pedir o saber a Deus
É praxe dos cordelistas
E o mesmo eu faço agora
Pedindo a Jesus as pistas
Para narrar a contenda
Entre dois bons repentistas

O improvisado é complexo
Pois não tem um só caminho
Por isso Deus nessa estrada,
Peço-lhe um empurrãozinho

Pra descrever a peleja
De Aloncio com Dezinho

Já somos acostumados
Ver repentistas cantando
E acompanhando os versos
Duas violas tocando,
Entretanto essa disputa,
Aconteceu trabalhando.

Nessas três sextilhas iniciais o poeta, pela voz do mestre de cerimônias, segue à risca as orientações do cordel clássico. Procede a invocação pedindo a Jesus que lhe dê as “pistas” para escrever um bom poema, na primeira estrofe. Na segunda, pede a Deus sabedoria para ser capaz de passar para a escrita o fenômeno do improvisado, que é estritamente oral e, na terceira, adverte que não é uma peleja normal entre dois repentistas ao som das violas. Dessa maneira envolve o leitor e o seduz para que ele se assenhere do motivo dessa peleja extraordinária passada durante dois turnos de trabalho pesado na roça. Preciso apontar, traidor que sou, um detalhe: na primeira estrofe, o mestre de cerimônias pede luz para “narrar” e na segunda pede para “descrever”. Num vou nem dizer que um desses teóricos capados, que só pensam em lascar os outros, chamado Georg Lukács, já desenvolveu um estudo inteiro sobre o tema. Considerando que a peleja é o diálogo entre dois personagens, sem a intervenção de um narrador, concordamos que a permuta entre narrar e descrever, aqui, não se prenda ao acaso, senão a uma confusão intelectual sobre a obra de cordel, nesse caso, a peleja, difícil de se conceituar, tanto para o leitor,

como para o autor, delatada na voz de um personagem. Pela presença desse personagem, esse dedo-duro descarado, que quer contar como se deu a peleja e descrever a própria peleja na voz dos pelejantes, acontecida no tempo passado, estando o contador no presente, posso afirmar que essa peleja contém traços narrativos. Como suponho que o leitor da Blecaute não é um ignorante completo, creio que ele saiba que o texto literário puro não existe, que uma característica é que predomina sobre outra, também podemos afirmar que há uma descrição. Peço até desculpas pelo excessos de “ques”, mas foi o que deu para arrumar. Olhando um pouco mais, sei que posso, ainda, identificar traços marcantes do gênero dramático quando os personagens assumem, eles mesmos, a direção do poema, confeccionando a interlocução, com o narrador (mestre de cerimônias) retirando-se de cena. Logo, os três gêneros clássicos se fazem presentes neste texto.

Nas dezesseis sextilhas seguintes o leitor é ambientado sobre o local e a ambientação onde se deu o combate poético: no interior da Bahia, numa cidade perdida chamada Banaê, durante o eito, o trabalho na roça, na capinagem, cantando “batalhões”, os versos improvisados. Ainda descreve os dois debatedores e apresenta seu Nêu que determina o tema da peleja:

Na cabeceira da roça
Fim do eito derradeiro
Zé de Nêu disse: — Em sextilha
Quero que cantem ligeiro
Seu Dezinho vai ser o boi,
Compadre Aloncio, o vaqueiro!

Desse ponto, na vigésima sextilha, os improvisadores assumem a direção do folheto:

ALONCIO — Sou um vaqueiro afamado,
 Pego qualquer boi sozinho,
 Inda mais sendo pequeno,
 E mole feito Dezinho.
 De outros correu bastante,
 Mas eu lhe pego, Tourinho!

DEZINHO — Entro por mata e caminho
 E você não me acompanha,
 Pois, correndo atrás de mim,
 O seu cavalo se acanha.
 Vem metido a estrategista,
 Mas volta sem artimanha.

A peleja segue seu ritmo natural, com um dos cantadores sendo o vaqueiro, que quer pegar o boi, e o outro (o boi) se desvencilhando das armadilhas do primeiro. Percebe-se o respeito à oralidade na observação pontual da deixa, ou seja, leitor incauto, o primeiro verso da sextilha começando com a mesma terminação do último verso da sextilha precedente, o que não é levado em conta durante a fala do mestre de cerimônias, tanto que quando ele retorna, na sextilha quarta e oito, não se prende à deixa, para ficar bem marcado o tempo narrativo, pois a peleja se deu no passado e o mestre de cerimônias está no presente. Assim:

Alguém viu que a disputa
 Não iria se encerrar
 (Um prendia, outro soltava)
 E deram pra os dois cantar
 Um mote de sete sílabas
 Pra ver no que ia dar.

A introdução do mote de sete sílabas, para ser desenvolvido em décimas é outra particularidade da peleja oral, seguida a risca pelo folheto. O mote dado é Senão aprende a lição/ Trate então de se calar, e os contendores cairão na disputa:

D — Aloncio, tome cuidado,
 Que eu sou um cantador,
 Devo ser seu professor;
 Você por mim educado,
 Porque estás atrasado,
 Não pode me acompanhar...
 Então, jamais vai chegar
 À minha evolução.
 Senão aprende a lição,
 Trate então de se calar!

A — Sempre fala a todo mundo,
 Dezinho, a mesma besteira,
 Embora que na carreira
 Não corre nenhum segundo.
 Eu sou cantador profundo,

Nasci para improvisar,
Quando chego pra cantar,
Faço um revolução,
Senão aprende a lição
Trate então de se calar!

Quando do desenvolvimento de motes, sejam de sete ou de dez sílabas, os cantadores ficam desobrigados de perceberem a deixa, para não amarrar o verso a rimas que se esgotariam, prejudicando as estratégias poéticas. O folheto de Varneci Nascimento respeita mais essa característica. As falas de cada um dos participantes agora são determinadas apenas pela primeira letra de seus nomes, D para Dezinho e A para Aloncio e o mote tem que ser desenvolvido em décimas. Ao final, o mestre de cerimônias retorna para revelar quem foi o poeta vitorioso. Vejamos quem vence a peleja:

Perceberam que a disputa
Nunca mais ia acabar:
Nem Aloncio nem Dezinho
Queriam se entregar.
Pararam a li e deixaram
Pra outra vez e lugar.

É mister que o mestre de cerimônias retorne sempre para finalizar o folheto, revelando o veredicto. Graças às benevolências memoriais do autor, emotivamente envolvido no poema, nesse folheto não houve vencedores.

Usei a peleja de Varneci para exemplificar como funciona o fo-

lheto de peleja clássica. Essa peleja é um folheto recente, que conservou a mesma essência dos folhetos pioneiros. A peleja de Abernal e Cabeceira, com a qual iniciamos esse papo de corta Lourenço, é uma das primeiras escritas por Leandro Gomes de Barros e nega esses apontamentos todos que fiz sobre texto de Varneci Nascimento.

Na peleja de Leandro não há mestre de cerimônias, nem qualquer outro personagem entre os dois debatedores. Eles se apresentam um ao outro, conduzem suas falas, criam suas estratégias poéticas e terminam a peleja com um dos dois se dando por vencido. A peleja é toda em sextilhas e Cabeceira reconhece-se perdedor:

Cabeceira — Abernal, estou cançado
Não posso mais debater
Então dizia Abernal
É o que deve fazer
Bateu aqui está no risco
De desertar ou morrer.

Este é um caso em que não há narratividade, nem ambientação, nem tempo. Só os personagens debatendo, senhores de sua voz. Por isso eu fico puto com uns camaradas que não tem saco para estudar o cordel em todos os seus aspectos e ficam escrevendo e falando merda por aí. Depois a gente fala mais sobre isso. Agradeço e abram dos ói, como diz um amigo meu de São João do Cariri.

ADERALDO LUCIANO (RIO DE JANEIRO-PARAÍBA)- Poeta e pesquisador. Tem pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Projeto Avançado de Cultura Contemporânea, da UFRJ. É doutor e mestre em Poética pela UFRJ. Licenciado em Letras Vernáculas pela UFPB. Tem alguns livros publicados, mas cita apenas O Auto de Zé Limeira (Confraria do Vento) e Apontamentos Para Uma História Crítica do Cordel Brasileiro (Luzero-Edições Adaga).